

## **A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO DE RICHARD RORTY: CONSERVADORISMO E ELITISMO OU REFORMISMO E EDIFICAÇÃO PRIVADA?**

*Ricardo Corrêa de Araujo\**

### **Resumo**

O objetivo deste artigo é apresentar a Filosofia da Educação de Richard Rorty, através da sua análise da educação como sendo dividida em dois processos distintos: socialização e individualização. A seguir, pretende-se mostrar duas críticas, a de conservadorismo e a de elitismo, que se dirigem a estes processos. Finalmente, será feita uma redescrição das posições de Rorty, atribuindo um caráter reformista ao seu aparente conservadorismo e um caráter privado à individualização supostamente elitista, a fim de enfraquecer a força daquelas críticas.

**Palavras-chave:** Filosofia da educação. Política cultural. Democracia. Richard Rorty.

### **Abstract**

This paper aims of is to present Richard Rorty's Philosophy of Education, through his analysis of the education as being divided into two distinct processes: socialization and individualization. Thereafter, it is intended to show two critiques, of conservadorism and elitism, that are addressed to these processes. Finally, a redescription of the Rorty's positions will be proposed, by assigning a reformist character to its apparent conservatism and a private character to the supposedly elitist individualization, in order to weaken the strength of those critics.

---

\* Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor de Filosofia do Curso de Graduação em Filosofia e do Mestrado em Filosofia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). *E-mail:* rcaerca@uol.com.br

**Keywords:** Philosophy of education. Cultural politics. Democracy. Richard Rorty.

Desde a publicação de sua obra *A Filosofia e o espelho da natureza*, em 1979, Richard Rorty foi se tornando cada vez mais conhecido e influente, muito além dos muros da Filosofia Analítica americana, da qual foi grande expoente até então. De fato, a partir daquele momento, ele se afastou radicalmente do *mainstream* analítico, tornando-se um dos seus críticos mais demolidores<sup>1</sup>, e chegou mesmo a abandonar seu cobiçado cargo de Professor de Filosofia em Princeton, trocando-o pouco tempo depois, a convite de E. D. Hirsch Jr., por um de Professor de Humanidades na Universidade de Virgínia.<sup>2</sup> Nessa, onde permaneceu por dezesseis anos, Rorty passou a publicar textos cada vez mais próximos da tradição da Filosofia Continental, tomando como tema especialmente Nietzsche, Heidegger, Derrida, Foucault e Habermas, mas também a obra de romancistas como Proust, Nabokov e Orwell, cumprindo assim as funções para as quais foi contratado.

Porém, em um segundo grande deslocamento teórico, a partir de meados da década de 80, mas especialmente nos anos 1990, ele começou a escrever sobre aquilo que chamou de “política cultural”<sup>3</sup>, tentando articular e explicitar suas visões sobre política, bem como relacioná-las às diversas áreas da cultura: “Durante os anos noventa, Rorty se tornou muito mais explícito e direto sobre suas visões políticas; ele se engajou naquilo que chamou de ‘política cultural’” (BERNSTEIN, 2008, p. 21, tradução nossa)<sup>4</sup>. A Filosofia

<sup>1</sup> “A highly respected member of the philosophical establishment well into the 1970s, he has since turned revolutionary critic” (MCCARTHY, 1990, p. 358).

<sup>2</sup> “The idea of appointing Richard Rorty encountered no opposition and much enthusiasm among my colleagues. What did he think of that idea? Would he be willing to be a professor of humanities, and to teach, among other things, recent literary theory? To my huge delight Rorty’s answer was: ‘Sure. Why not?’” (HIRSCH Jr. 2008. p. 36).

<sup>3</sup> Rorty definiu o significado de “política cultural” através da sugestão, cuja origem atribuiu a Hegel e a Dewey, segundo a qual os filósofos deveriam “tentar contribuir para a conversação em andamento da humanidade sobre o que fazer consigo mesma. O progresso dessa conversação tem engendrado novas práticas sociais e mudanças nos vocabulários empregados em deliberações morais e políticas. Sugerir outras novidades é intervir na política cultural. Dewey esperava que os professores de filosofia considerassem tal intervenção sua principal tarefa” (RORTY, 2009, p. 11).

<sup>4</sup> During the nineties Rorty become much more explicit and forthright about his political views; he engaged in what he called “cultural politics.”

da Educação de Rorty se explicita nesta fase de sua obra em que, assim como ocorre com as demais áreas da cultura, a questão da relação entre Filosofia e educação é vista pelo prisma da sua utilidade para a política cultural:

Quanto mais a filosofia interage com outras atividades humanas – não apenas com a ciência natural, mas também com (a educação,) a arte, a literatura, a religião e a política – mais relevante para a política cultural ela se torna – e, portanto, mais útil (RORTY, 2009, p. 13).

Ainda assim, a “Filosofia da Educação” de Richard Rorty é uma expressão problemática, por pelo menos três razões: 1) ela é assistemática, porque não há uma obra ou um conjunto significativo de textos em que ele tenha explicitado suas ideias filosóficas sobre educação; 2) ela é imprecisa, porque este tema acaba sempre se misturando com as suas visões políticas; 3) ela parece pouco relevante para ele, pela falta de entusiasmo que manifestou pela ligação entre Filosofia, por um lado, e educação e política, por outro, ou melhor, pelo que a Filosofia, enquanto disciplina ou área do saber, poderia fazer em relação a ambas: “sou alguém que tem lá suas dúvidas a respeito da relevância da filosofia para a educação, pela mesma razão de que tenho lá minhas dúvidas da relevância da filosofia para a política” (RORTY, 1997e, p. 59).

Para contornar estas três dificuldades, será preciso adotar as seguintes estratégias: primeiro, em que pesem a dispersão e a falta de sistematicidade nas suas tematizações da questão da educação, é possível obter um razoável esboço de suas ideias a respeito através de uma leitura cuidadosa do seu pequeno e instrutivo texto “Education as socialization and individualization”, utilizando-se trechos dispersos em outros lugares para completá-lo; segundo, será preciso não tomar a sua habitual mistura entre educação, política e política cultural como um demérito teórico, como uma falta de precisão e de rigor, mas como uma estratégia intencional, adotada por ele para retirar a Filosofia de sua clausura acadêmica, a fim de que seu tratamento filosófico da educação tivesse impacto na política cultural, ou seja, fosse útil; terceiro, será considerado que as “dúvidas” de Rorty a respeito da relevância da Filosofia para a política e para a educação decorrem apenas do seu descrédito pelo modo como a tradição filosófica, à direita e à esquerda do espectro político, tratou tais questões até recentemente, isto é relacionando verdade e liberdade com uma suposta essência humana, que

seria realizada assim que a educação cumprisse adequadamente seu papel: “Nos dois relatos do assunto, o original, direitista, e o invertido, esquerdista, há uma conexão natural entre verdade e liberdade. Ambos aceitam a identificação de verdade e liberdade com o essencialmente humano” (RORTY, 2000a, p. 115, tradução nossa)<sup>5</sup>. É este tratamento metafísico da questão que ele pretende abandonar com a sua própria e alegadamente útil tematização, pois ele pensa que:

Não há algo como a natureza humana. Nem há algo como a alienação da humanidade essencial de alguém devido à repressão social, no sentido profundo tornado familiar por Rousseau e pelos marxistas (RORTY, 2000a, p. 118, tradução nossa)<sup>6</sup>.

As três estratégias mencionadas pretendem possibilitar a consecução do objetivo deste artigo, que é examinar as duas linhas críticas que acusam Rorty, respectivamente, de conservador e de elitista<sup>7</sup>, para mostrar que elas são equivocadas quando aplicadas às suas ideias de educação dos cidadãos de uma democracia liberal. No caso da primeira crítica, a de conservadorismo, será mostrado de que modo uma educação voltada para a produção de uma retórica reformista, como pensada por Rorty, pode fazer mais pelos valores democráticos, incluída aí não apenas a liberdade, mas também a igualdade<sup>8</sup>,

<sup>5</sup> On both the original, rightist and the inverted, leftist account of the matter, there is a natural connection between truth and freedom. Both accept the identification of truth and freedom with the essentially human.

<sup>6</sup> There is no such thing as human nature. Nor is there such a thing as alienation from one's essential humanity due to societal repression, in the deep sense made familiar by Rousseau and the Marxists.

<sup>7</sup> Algumas vezes, estas duas críticas aparecem separadamente, como ocorre nas acusações, que serão mostradas adiante, de conservadorismo, feitas por Thomas McCarthy e Richard Bernstein, ou de elitismo, feitas por Rob Reich. Outras vezes, elas podem ser simultâneas e, ao que parece, ideologicamente exacerbadas: “Assim, tudo o que ele de fato consegue projetar como utopia de uma educação liberal é a manutenção pura e simples da ideologia hegemônica. O que significa conservar intactas nossas atuais práticas políticas e educacionais, pelas quais *tudo gira em torno de alguns indivíduos e sua realização privada*” (RORTY, 2009, p. 12).

<sup>8</sup> “the word “democracy” has gradually come to have two distinct meanings. In its narrower, minimalist meaning it refers to a system of government in which power is in the hands of freely elected officials. In its wider sense, it refers to a social ideal, that of equality of opportunity” (RORTY, 2007b, p. 1).

do que uma educação voltada para a desconstrução revolucionária de todo discurso, como a desejada pela esquerda cultural ou nietzscheanizada:

Mas a esquerda nietzscheanizada nos diz que o país está podre até o núcleo – que ele é uma sociedade racista, sexista e imperialista, uma na qual não se pode confiar nem uma polegada, uma cujo discurso deve ser impiedosamente desconstruído (RORTY, 2000b, p. 129, tradução nossa)<sup>9</sup>.

Em relação à segunda linha crítica, a acusação de elitismo haverá duas tentativas de resposta. Uma delas tentará mostrar que há ambiguidade nos textos rortyanos, pois embora haja afirmativas que parecem indicar uma noção elitista da educação, há outras que as negam ou enfraquecem. A outra resposta tentará mostrar que a noção de “reinvenção” ou individualização, apontada por Rorty como meta educativa para os estudantes de cursos superiores não vocacionais (não profissionalizantes), não é elitista, mas apenas atende às idiosincrasias privadas de parte da população de uma sociedade democrática, sem qualquer relevância especial no espaço público, sem implicar privilégios econômicos exclusivos e sem qualquer pretensão hierárquica em relação à educação básica e à educação superior profissionalizante.

### **I – A filosofia da educação de Richard Rorty: um esboço e duas críticas**

Antes de mostrar as duas linhas críticas, será necessário esboçar os traços da “Filosofia da Educação” de Richard Rorty. Este esboço será feito de forma esquemática, de modo que as suas posições criticáveis se destaquem, sem nenhuma tentativa de interpor interpretações mais benignas que as tornem mais palatáveis. As tentativas de mostrar que os supostos conservadorismo e elitismo da Filosofia da Educação de Rorty podem ser lidos de maneira muito diversa, amplamente compatível com as instituições liberais e democráticas, serão empreendidas apenas nos itens II e III mais adiante.

---

<sup>9</sup> But the Nietzscheanized left tells the country is rotten to the core – that it is a racist, sexist, imperialist society, one which can't be trusted an inch, one whose every utterance must be ruthlessly deconstructed.

Rorty tem uma obra consideravelmente extensa, já que passou aproximadamente cinquenta anos publicando ininterruptamente. Assim, não deixa de ser decepcionante que seu texto mais reconhecidamente classificável como Filosofia da Educação, “Education as socialization and individualization”, tenha apenas treze páginas. Por outro lado, o título do livro em que este capítulo foi publicado, “Philosophy and Social Hope”, significa um indício do papel essencial que ele atribuía à educação em sentido *lato*, qual seja, aquele de colaborar com nossas esperanças sociais. Todavia, espera-se que uma Filosofia da Educação não se contente apenas com o sentido *lato* da educação, ela precisa considerá-la em seu sentido estrito, escolar, indicando seus objetivos, extraindo seus pressupostos, avaliando métodos vigentes e, finalmente, projetando uma concepção a partir da qual fundamentar práticas educacionais ideais e criticar as atuais. Assim, é preciso mostrar a análise da educação feita por Rorty no mencionado texto-guia.

A primeira surpresa deste texto é que ele começa, imediatamente, a tratar a questão da educação a partir da filiação política. Ele divide as correntes teóricas sobre a educação nos mesmos termos com que se costuma dividir a política ocidental, isto é, em direita e esquerda:

Quando as pessoas na direita política falam sobre educação, elas começam a falar imediatamente sobre verdade. Quando as pessoas na esquerda política falam sobre educação, elas falam primeiro sobre liberdade (RORTY, 2000a, p. 114, tradução nossa)<sup>10</sup>.

Isto significa que os discursos sobre educação, conforme a filiação política, partem sempre da ideia de verdade ou de liberdade. A segunda surpresa do texto é que ele mostra que as perspectivas de direita e de esquerda, para além deste ponto de partida diverso, têm em comum a crença metafísica em que há algo que pode e deve ser cultivado pelo processo educacional: a chamada essência humana. Assim, segundo Rorty, se a direita política começa imediatamente a falar sobre verdade, é porque acredita que a educação deve, antes de tudo, eliminar os obstáculos a ela, como as paixões ou os

---

<sup>10</sup> When people on the political right talk about education, they immediately start talking about truth. When people on the political left talk about education, they talk first about freedom.

pecados, a fim de que brilhe a verdade que corresponde plenamente àquela essência. Por outro lado, se a esquerda política começa logo a falar sobre liberdade, é porque crê que os obstáculos à realização de nossa essência são as convenções e os preconceitos dos quais precisamos nos libertar através da educação. Seja como for, ambos os lados pensam na educação como um processo de aperfeiçoamento ou realização de algo que já existe em cada ser humano, sua suposta essência. Segundo Rorty, esta divergência vem sendo contornada, nas democracias liberais recentes, através de uma divisão das esferas de influência:

A direita tem mantido bem mais o controle da educação primária e secundária, enquanto a esquerda tem obtido gradualmente o controle da educação superior não profissionalizante (RORTY, 2000a, p. 116, tradução nossa)<sup>11</sup>.

Porém, ele afirma que tanto a direita como a esquerda não percebem que a educação não é um processo contínuo, pois “Ambas tendem a ignorar o fato de que a palavra ‘educação’ cobre dois processos inteiramente distintos e igualmente necessários - socialização e individualização” (RORTY, 2000a, p. 117, tradução nossa)<sup>12</sup>. Pode-se afirmar que as principais ideias de Rorty sobre a educação se estruturam a partir da sua divisão nestes dois processos, logo, é preciso mostrar o que são estes habitualmente, quando controlados pela direita e pela esquerda, para, a seguir, mostrar o que ele pretende que sejam.

A socialização é um processo educacional em sentido *lato*. Ele é realizado basicamente através da transmissão de um modo de vida, de uma série de crenças e práticas amplamente compartilhadas pelos membros de uma sociedade. No sentido estrito do termo “educação”, a socialização é o processo que se realiza durante os anos da educação básica. No caso do Brasil, esta inclui educação infantil, ensino fundamental e ensino médio, se encerrando por volta dos dezessete anos. Nos Estados Unidos, ela pode chegar aos dezenove anos, sendo nomeada como educação primária e secundária. Porém, sejam quais forem as

---

<sup>11</sup> The right has pretty much kept control of primary and secondary education and the left has gradually got control of non-vocational higher education.

<sup>12</sup> Both tend to ignore the fact that the Word ‘education’ covers two entirely distinct, and equally necessary, processes – socialization and individuation.

nomenclaturas e divisões internas adotadas em diferentes países, o que importa é que se trata da formação de indivíduos de cada determinada sociedade, com todas as suas especificidades culturais: “Assim, a educação até os 18 ou 19 anos é principalmente uma questão de socialização – de levar os estudantes a assumirem o senso comum moral e político da sociedade como ela é” (RORTY, 2000a, p. 116, tradução nossa)<sup>13</sup>.

Para Rorty, esta é uma tarefa que precisa ser preservada e aperfeiçoada, pois significa a sobrevivência das específicas formas de vida que conseguem realizá-la eficazmente. Isto significa que currículos móveis e diversificados, adequados às idiosincrasias de cada sociedade, são as exigências fundamentais de um processo de socialização bem sucedido. Todavia, esta mobilidade não significa que eles devam ser abertos a novidades, a não ser quando estas deixam de sê-lo e passam a fazer parte do “senso comum moral e político da sociedade”: “Educação primária e secundária sempre será uma questão de familiarizar os jovens com aquilo que seus antecessores tomaram como verdade, seja isto verdadeiro ou não” (RORTY, 2000a, p. 118, tradução nossa)<sup>14</sup>. Pelo exposto, fica claro que Rorty vê a socialização como um processo conservador, que é majoritariamente controlado, nas democracias recentes, por professores conservadores. É por isso que, para ele, professores do ensino básico que pensem que sua sociedade não merece ter seu senso comum moral e político transmitido, que coloquem este radicalmente em dúvida, em vez de apenas desejarem aperfeiçoá-lo, deveriam mudar de profissão:

Na medida em que a educadora dos níveis básicos tem dúvidas sobre a sociedade na qual vive, espera-se que ela deixe essas dúvidas influenciarem seu ensino somente nas margens. Se um professor pensa que a sociedade está fundada em uma mentira, então ele deveria achar uma outra profissão (RORTY, 1997e, p. 61).

Quanto ao segundo processo educacional, a individualização, majoritariamente controlado pela esquerda, a ideia-guia passa a ser a liberdade para a autocriação. Ao contrário do que ocorre com a socialização, que se dá *também*

<sup>13</sup> So education up to the age of 18 ou 19 is mostly a matter of socialization – of getting the students to take over the moral and political common sense of the society as it is.

<sup>14</sup> Primary and secondary education will always be a matter of familiarizing the young with what their elders take to be true, whether it is true or not.



*na escola*, a individualização ocorre quase totalmente *na escola*, no caso, no ensino superior não profissionalizante: “O objetivo da educação superior não profissionalizante, em vez disto, é ajudar os estudantes a perceberem que eles podem remodelar a si mesmos [...]” (RORTY, 2000a, p. 118, tradução nossa)<sup>15</sup>. Esta menção a indivíduos capazes de reformarem a si mesmos, inequivocamente, remete à notória e à polêmica figura do ironista, cunhada por Rorty no livro *Contingência, ironia e solidariedade*, mas incessantemente retomada por ele mesmo, por seus admiradores e críticos:

Uso “ironista” para designar o tipo de pessoa que enfrenta a contingência de suas convicções e seus desejos mais centrais – alguém suficientemente historicista e nominalista para abandonar a ideia de que essas convicções e esses desejos centrais remontam a algo fora do alcance do tempo e do acaso (RORTY, 2007a, p. 18).

É justamente porque tomam suas convicções e desejos centrais como produto de uma socialização contingente, aquela que os transformou nos membros de determinada sociedade, que aqueles indivíduos que ingressam na educação superior não profissionalizante são capazes de reformarem a si mesmos, afastando-se do consenso prevalecente que foi inoculado neles ao longo de toda sua vida, escolar ou não. Este afastamento precisa ser construído com a ajuda de um tipo especial de ironista, que Rorty denomina de “intelectuais humanistas”, os professores universitários que esperam não só reformar a si mesmos, mas auxiliar outros a fazerem o mesmo: “Assim, a verdadeira função social dos intelectuais humanistas é instilar dúvidas nos estudantes sobre a própria autoimagem deles e sobre a sociedade a que pertencem” (RORTY, 2000b, p. 127, tradução nossa)<sup>16</sup>.

Assim, a Filosofia da Educação de Rorty mostra uma educação fragmentada em duas partes, além de aparentemente conservadora e elitista. Uma concepção que, algumas vezes, faz lembrar as mais arrepiantes distopias sociais da ficção, aquelas em que a educação controlada por uma elite formata seres humanos, criando os cidadãos dos diversos tipos que são necessários

---

<sup>15</sup> The point of non-vocational higher education is, instead, to help students realize that they can reshape themselves [...].

<sup>16</sup> So the real social function of the humanistic intellectuals is to instil doubts in the students about the students’ own self-images, and about the society to which they belong.

para a perpetuação da sociedade, além de cooptar para esta elite aqueles capazes de ajudar a formatar os demais:

Há somente a formatação de um animal em um ser humano, através de um processo de socialização seguido, com sorte, pela autoindividualização e autocriação deste ser humano, através de sua revolta ulterior contra este próprio processo (RORTY, 2000a, p. 118, tradução nossa)<sup>17</sup>.

Todavia, em que pese a forte impressão que afirmativas como esta podem causar, quando lidas isoladamente, é preciso analisar mais detidamente se estes processos de socialização e de autoindividualização são, respectivamente, tão conservadores e elitistas como fazem crer as críticas que utilizam apenas textos rortyanos tomados em sua literalidade ou se é o caso, como se pretende mostrar a seguir, que estas acusações podem ser rebatidas com uma redescritção daqueles processos educacionais.

## **II – O paradoxo de um conservadorismo reformista**

À primeira vista, parece que a posição de Rorty sobre o processo de socialização dos estudantes seria apoiada pela maioria das visões políticas de direita. Todavia, será preciso examinar essa questão atentamente, mais adiante, para que se possa apreciar as especificidades da socialização que ocorre nas sociedades liberais democráticas. Por outro lado, qualquer teórico de esquerda, que pense primeiro em liberdade quando fale de educação, ainda que não seja radical a ponto de considerar sua sociedade como “fundada em uma mentira”, consideraria aquela posição como repressora, conservadora e digna de crítica.

Uma das críticas diz respeito às “dúvidas” de Rorty sobre a relação entre Filosofia, educação e política, que parecem aproximar as duas últimas, como práticas culturais intimamente entrelaçadas, enquanto afastam ambas da Filosofia, por sua suposta irrelevância para aquelas. Este afastamento,

---

<sup>17</sup> There is only the shaping of an animal into a human being by a process of socialization, followed (with luck) by the self-individualization and self-creation of that human being through his or her own later revolt against that very process.

por diversas vezes, é apresentado como peça de acusação contra as suas posições político-educacionais, que são então consideradas dentro de um espectro negativo, que vai desde a ingenuidade até uma apologia ideológica das forças dominantes. Tome-se, como exemplo, uma acusação que está no centro deste espectro e que pretende mostrar como, paradoxalmente, o afastamento entre Filosofia e política pode se voltar contra as posições alegadamente liberais e reformistas de Rorty:

Nós somos impedidos até mesmo de pensar, em qualquer grau teoricamente informado, que as estruturas básicas da sociedade podem ser inerentemente injustas de algum modo, que elas podem funcionar para a desvantagem sistemática de certos grupos sociais” (MCCARTHY, p. 367, tradução nossa)<sup>18</sup>.

Assim, seguindo-se esta linha crítica, é provável que se chegue a pensar na Filosofia da Educação de Rorty como intrinsecamente conservadora, já que nós seríamos “impedidos até mesmo de pensar” na possível injustiça das estruturas básicas da sociedade, de modo que estas ficariam imunes às críticas, “teoricamente informadas” e transformadoras, que poderiam surgir a partir de uma educação adequada dos grupos sociais injustiçados.

Outro motivo para a acusação de conservadorismo, oriunda da esquerda contra a posição de Rorty,<sup>19</sup> que incluía uma apologia dos valores da social-democracia, é ligado ao seu projeto de educação voltado para formar cidadãos liberais com inclinação reformista, em vez de revolucionária: “nós, pragmáticos, abdicamos da retórica revolucionária da emancipação e nos desmascaramos em favor de uma retórica reformista acerca da tolerância crescente e da sujeição decrescente” (RORTY, 1997c, p. 284). Então, parte

---

<sup>18</sup> We are prevented from even thinking, in any theoretically informed way, the thought that the basic structures of society might be inherently unjust in some way, that they might work to the systematic disadvantage of certain social groups.

<sup>19</sup> “Muitas pessoas cuja política é mais radical do que a minha, mas também muitos companheiros social-democratas (que eu tinha esperado amplamente que concordassem comigo) têm ficado aborrecidos com estes artigos” (RORTY, 1987, p. 564). “Estes artigos” se concentram entre os anos de 1983 e 1986, são as primeiras manifestações públicas da Filosofia Política de Rorty e incluem, entre outros, “A prioridade da democracia para a filosofia” e “Liberalismo burguês pós-moderno”, publicados no livro “Objetivismo, relativismo e verdade”.

do “fogo amigo”, advindo dos companheiros social-democratas de Rorty contra suas posições políticas, vem deste projeto educacional reformista em vez de revolucionário, um projeto que ousa colocar em primeiro plano na educação básica uma narrativa edificante de primeira ordem<sup>20</sup>, em lugar das metanarrativas, especialmente a marxista e a iluminista, tradicionalmente utilizadas pela esquerda. A narrativa proposta por Rorty, que será abordada mais adiante, conta uma história de desenvolvimento das democracias ocidentais baseado na reforma contingente, mas constante, de suas próprias instituições e práticas, sem visar algo supostamente sublime para além delas, algo que fosse capaz, como pretendiam aquelas metanarrativas, de fomentar o desejo revolucionário. É este reformismo não revolucionário que ele coloca como cerne da sua posição social-democrata: “La socialdemocracia es la posición a la que uno recurre cuando se siente preocupado por la justicia, pero no está dispuesto a comprometerse con el cambio revolucionario” (RORTY, 2005, p. 183). A associação entre esta indisposição em relação à mudança revolucionária, por um lado, e os louvores ao liberalismo político, por outro, tem sido objeto de críticas severas de conservadorismo. Se prestarmos atenção àquilo que disse Richard Bernstein, amigo de Rorty desde a adolescência, tão social-democrata e pragmatista quanto ele, ficará claro quanto há de eufemismo no termo “aborrecidos”, que Rorty disse ser a reação de muitos companheiros às suas posições políticas: “Apesar de protestos ocasionais em contrário, começa a parecer que a defesa do liberalismo feita por Rorty é pouco mais do que uma *apologia* em favor do *status quo*” (BERNSTEIN, 1987, p. 541, tradução nossa)<sup>21</sup>.

Todavia, quase no mesmo ritmo em que chegava a enxurrada de críticas sobre seus primeiros textos voltados para a política cultural, em que relacionava a Filosofia com as diversas áreas da cultura, entre elas a educação, Rorty ia respondendo a elas e, ao mesmo tempo, esclarecendo e ajustando suas ideias para si mesmo e para seus críticos, como ocorreu exemplarmente no caso da sua discussão com Thomas McCarthy: “Ele escreveu sobre mim com grande compreensão e simpatia, ajudando-me a compreender minhas próprias voltas, torções e dificuldades melhor do que antes.” (RORTY, 1990,

<sup>20</sup> Cf. RORTY, 1997, p. 282.

<sup>21</sup> For despite occasional protests to the contrary, it begins to look as if Rorty’s defense of liberalism is little more than an *apologia* for the status quo [...].

p. 633, tradução nossa)<sup>22</sup>. A partir das críticas de pessoas como McCarthy e Bernstein,<sup>23</sup> Rorty foi não só amadurecendo suas ideias, tornando-as mais consistentes e coerentes entre si, mas também as afinando com seus teóricos políticos favoritos, como Michel Walzer e John Rawls, que tentaram produzir uma Filosofia Política distanciada das noções metafísicas tradicionais, como validade incondicional, verdade universal, fundamentação última e outras do gênero. Assim, a Filosofia como política cultural, em que se insere a questão da educação, deve levar em consideração questões notadamente acadêmicas, como a tentativa de elaborar uma Filosofia não metafísica, na medida em que isto pode influir na configuração das diversas comunidades culturais, especialmente nas comunidades democráticas ocidentais, fortemente marcadas pela tradição filosófica: “insisto em que dediquemos atenção aos debates relativamente especializados e técnicos entre os filósofos contemporâneos, à luz de nossas esperanças de mudança cultural” (RORTY, 2009, p. 12).

Isto também se aplicou no caso da Filosofia da Educação de Rorty, quando ele tentou se distanciar das concepções filosóficas tanto da direita, que cuida majoritariamente da socialização no ensino básico, como da esquerda, principal responsável pela individualização no ensino superior não profissionalizante, especialmente porque ambas pensam na educação como processo de realização da essência humana, que é um inegável constructo metafísico. No caso da socialização, Rorty também a pensou, do mesmo modo que faz a direita política, como um processo educacional e social fundamental, indispensável para a sobrevivência de qualquer sociedade e formado basicamente pela transmissão cultural, isto é, pela formatação dos membros, política e moralmente competentes, de cada sociedade: “educação pré-universitária produz cidadãos alfabetizados” (RORTY, 2000a, p. 118, tradução nossa)<sup>24</sup>. Todavia, como já foi visto, ele não viu a socialização como

<sup>22</sup> He writes about me with great understanding and sympathy, and helps me understand my own twists, turns, and predicaments better than I had before.

<sup>23</sup> Aliás, uma das coisas de que jamais foi possível acusar Rorty é de não estar aberto às críticas, de não estar disposto a rever suas próprias ideias diante de argumentos convincentes: “I *am* opened up to criticism by critics like Habermas, McCarthy, Nancy Fraser, and others, because they are able to redescribe my own position in terms that make me say, ‘Gee, there might be something to that; when so described, I *do* look pretty bad” (RORTY, 1990, p. 635).

<sup>24</sup> “[...] pre-college education produces literate citizens”.

um processo através do qual os jovens se libertariam dos obstáculos temidos pela direita, como as paixões e os pecados, a fim de atingir a verdade última, aquela a que suas essências deveriam corresponder plenamente. Basta que se preste atenção às últimas palavras de sua frase, aparentemente tão conservadora aos olhos de seus críticos de esquerda, para que se perceba que há algo diverso em jogo: “Educação primária e secundária sempre será uma questão de familiarizar os jovens com aquilo que seus antecessores tomaram como verdade, seja isto verdadeiro ou não” (RORTY, 2000a, p. 118, tradução nossa)<sup>25</sup>. Aqui, o acento deve ser colocado sobre as palavras “whether it is true or not”, ou seja, Rorty não diz que a socialização é uma questão de transmitir aos jovens “a verdade”, como costumam pensar os conservadores de direita, mas sim aquilo que *se toma*, em cada sociedade, como verdade, *seja isto verdadeiro ou não*.

Esta é uma primeira resposta às acusações de conservadorismo feitas pela esquerda, pois a verdade preconizada como meta da educação pela direita não pode ser isto que Rorty apresenta. De fato, a visão rortyana da socialização como transmissão daquilo que *se toma como verdade*, isto é, como transmissão das interpretações culturais vigentes, parece muito mais um daqueles ataques à verdade que os conservadores pensam que a educação deveria ajudar a conter: “Isto é porque eles pensam que a educação deveria se concentrar em ressuscitar e restabelecer o que chamam de ‘verdades fundamentais que são negligenciadas ou desprezadas agora’” (RORTY, 2000a, p. 115, tradução nossa)<sup>26</sup>.

Ligada a esta, uma segunda resposta às acusações de conservadorismo, aquela que mais interessa aqui, é de um tipo mais complexo, já que assume o *ethos* conservador dos processos de socialização, mas mostra que estes, no caso das democracias contemporâneas, sofrem uma espécie de mutação dialética em seu oposto, pois o conservadorismo na socialização democrática é paradoxal, inegável e necessariamente reformista, em constante adaptação: “Essa é uma forma de vida que está constantemente estendendo seus pseudópodes e adaptando a si mesma ao que encontrar” (RORTY, 1997a, p. 272). Este constante reformismo de si mesmas faz parte da autoimagem que

<sup>25</sup> Primary and secondary education will always be a matter of familiarizing the young with what their elders take to be true, whether it is true or not.

<sup>26</sup> That is why they think education should concentrate on resurrecting and re-establishing what they call ‘fundamental truths which are now neglected or despised’.

as sociedades democráticas *tomam como verdadeira* e, portanto, precisa ser transmitido nos seus processos de socialização. Ainda que esta característica reformista, adaptativa, não possa ser dotada de um *télos* por alguém como Rorty, que desejaria se livrar de noções metafísicas como esta, é possível redescrever os acontecimentos históricos que levaram às democracias recentes como uma história de liberdade crescente. Esta narrativa deveria ser o ponto central dos processos de socialização na educação básica, segundo ele mesmo e seu maior herói filosófico, o pragmatista clássico John Dewey:

Para Dewey, esta socialização consistia em adquirir uma imagem deles mesmos como herdeiros de uma tradição de liberdade crescente e esperança ascendente. Dewey queria que inculcar esta narrativa de liberdade e esperança fosse o núcleo do processo de socialização” (RORTY, 2000a, p. 121-122, tradução nossa)<sup>27</sup>.

Certamente, esta não é uma metanarrativa, mas uma narrativa de eventos contingentes que os coloca, esperançosamente, como parte de uma série que deveria ser inculcada na socialização dos cidadãos competentes de uma democracia, levando-os a imaginar utopicamente quais seriam os próximos eventos que deveriam ser buscados agora, depois que o contínuo reformismo democrático nos trouxe

a libertação dos escravos, o direito de voto das mulheres, a emergência dos sindicatos, o desenvolvimento do *Welfare State*, o movimento das mulheres, o Movimento dos Direitos Cívicos e semelhantes (RORTY, 1997e, p. 63).

Na leitura de um típico e assumido reformador liberal como Rorty, estes eventos são marcos gloriosos, ainda que eles sejam insuficientes para qualquer leitor deste tipo, sempre impelido para diante, para a construção de novos eventos dignos dos anteriores. Quando professores assumem este *ethos* conservador/reformista, quando eles não se deixam contaminar pela

---

<sup>27</sup> For Dewey, this socialization consisted in acquiring an image of themselves as heirs to a tradition of increasing liberty and rising hope. Dewey wanted the inculcation of this narrative of freedom and hope to be the core of the socializing process.

desilusão e pelo desânimo<sup>28</sup> diante de tanto que resta a ser feito no caminho contingente e frágil da realização da liberdade e da igualdade, eles podem tornar a socialização educacional ainda mais reformista, mais inspiradora e capaz de formar os cidadãos necessários para a realização plena das esperanças democráticas, transmitindo-lhes sua deseabilidade: “Tal como Dewey, nós pensamos a esperança, em vez de a verdade, como o que a educação deve transmitir” (RORTY, 1997e, p. 63).

### **III – A acusação de elitismo e seu possível esvaziamento**

O outro tipo de acusação contra Rorty, aquele que usa preferencialmente termos como esteticismo e elitismo, se volta contra suas ideias sobre a educação superior:

Primeiro, a supostamente liberal educação rortyana é repleta de injustiças. Rorty cria um sistema que proporciona apenas a uma elite seleta a oportunidade de auto-edificação no sentido de tornar-se um ironista liberal (REICH, 1997, p. 342, tradução nossa)<sup>29</sup>

De fato, esta “oportunidade de autoedificação” é localizada por Rorty apenas no ensino superior, especialmente em sua dimensão não profissionalizante, o que inclui as Humanidades e a própria Filosofia. Nesses casos, após uma educação básica amplamente apoiada naquela narrativa edificante e libertária imaginada por ele, Rorty afirmava ser desejável uma educação voltada para a autoedificação dos próprios estudantes, isto é, para sua individualização:

---

<sup>28</sup> Quando se reflete, segundo Rorty, na famosa e desafortunada frase de Foucault, fica difícil não pensar que os professores que a levam a sério ficam quase incapacitados para socializar os alunos de uma sociedade democrática, isto é, de modo reformista e esperançoso: “When asked by why he never sketched a utopia, Foucault Said, ‘I think that to imagine another system is to extended our participation in the present system’” (RORTY, 2000 b, p. 129).

<sup>29</sup> First, the supposedly liberal Rortyan education is riddled with inequity. Rorty creates a system that affords only a select elite the opportunity of self-edification toward becoming a liberal ironist.



Uma educação básica que consegue transmitir uma tal narrativa é a preparação adequada para o tipo de educação superior não-vocacional em que os estudantes aprendem a reinventar a si mesmos. Algumas dessas reinvenções, com sorte, resultarão em pessoas que continuarão esta saga (RORTY, 1997e, p. 63).

Assim, a segunda linha crítica busca associar os termos esteticismo e elitismo, tentando mostrar que Rorty privilegiaria a capacidade criativa daquelas “pessoas que continuarão esta saga” de libertação e progresso moral, de modo que ele tomaria as massas, passivas e apenas *basicamente* educadas, como meras seguidoras dos indivíduos capazes de “reinventarem a si mesmos”, os ironistas. De fato, algumas vezes, o próprio Rorty atribui a este grupo um papel privilegiado, diferenciado dos outros papéis sociais desempenhados por aqueles que, através da educação básica, se socializam e se transformam em cidadãos competentes, mas sem a capacidade de alterar a sabedoria convencional, o senso comum, da comunidade a que pertencem: “Com sorte, os melhores dentre eles serão bem sucedidos em alterar a sabedoria convencional, de modo que a próxima geração seja socializada de algum modo diferente daquele com que eles mesmos foram socializados” (RORTY, 2000a, p. 124, tradução nossa)<sup>30</sup>.

Assim, é fácil pensar naqueles professores (os intelectuais humanistas) e alunos envolvidos no processo de individualização descrito por Rorty como um grupo diferenciado, com maior poder crítico, mais carga de leitura, maior conhecimento de vocabulários diversos e, em consequência, mais difíceis de manipular, com uma visão de mundo mais ampla e com mais possibilidades de sugerir crenças e práticas alternativas aos demais membros da sociedade, especialmente àqueles que se limitaram à educação básica, mas também àqueles cuja formação superior foi eminentemente profissionalizante, privando-os das supostas prerrogativas dos intelectuais humanistas e seus alunos ironistas. Mas se as coisas são assim, a acusação de elitismo se torna grave, pois esta suposta vanguarda intelectual parece se encaixar perfeitamente em qualquer descrição trivial de uma elite, capaz de dirigir e/ou de manipular os demais.

---

<sup>30</sup> With luck, these best of them will succeed in altering the conventional wisdom, so that the next generation is socialized in a somewhat different way than they themselves were socialized.

Contra este tipo de crítica, que encontra respaldo no próprio texto rortyano, uma primeira linha de defesa deve ser a letra de outros textos em que Rorty se posicionou a respeito de forma diversa, a fim de mitigar a força das afirmativas que corroboram a acusação de elitismo. Este é o tipo de estratégia redescritiva que ele mesmo empregou diversas vezes, jogando textos contra outros textos, até enfraquecer as posições que ele, como pragmatista, gostaria de descartar por considerá-las como inúteis e/ou nocivas<sup>31</sup>. Pode-se fazer isto, por exemplo, usando uma das suas propostas de utopia democrática, em que, após louvar a figura do intelectual literário, outro nome para o ironista ou intelectual humanista, ele afirmava que:

Nessa utopia, a cultura literária não será a única, ou mesmo a dominante, forma de cultura superior. Na utopia, a necessidade religiosa ou filosófica [metafísica] de viver à altura do não humano e a necessidade dos intelectuais literários de explorar os limites da imaginação humana serão vistas como questão de gosto (RORTY, 2006, p. 101-102).

A cultura literária, o ambiente típico em que circulam os ironistas, não pode ser dominante, porque este é um tipo humano entre outros, um tipo que não pode ser tomado como padrão ou meta que a educação, como um todo, deveria tentar formar: “Não posso imaginar uma cultura que socializasse seus jovens de um modo que os fizesse duvidar continuamente de seu próprio processo de socialização” (RORTY, 2007a, p. 156). Isto não deixa dúvidas de que, ao contrário da socialização, que é constitutiva da humanização e deve sempre ocorrer como transmissão das práticas e crenças tomadas como verdadeiras por cada comunidade, a individualização é opcional, é “questão de gosto” e não de privilégio de alguns alunos, supostamente, “os melhores deles”. De fato, se a socialização que ocorre nas democracias funcionasse bem, educando todos os membros da comunidade para se tornarem cidadãos competentes, não seria necessário apelar para aqueles que *escolhem* passar

---

<sup>31</sup> Um bom exemplo desta estratégia é o tratamento que ele deu a certas afirmativas de Oscar Wilde, a quem ele usa como inspiração em uma de suas propostas utópicas: “Para prosperar na utopia, todavia, os intelectuais literários teriam de moderar sua retórica. Certas passagens em Wilde não suportariam a repetição [...]. A ideia de que alguns homens são realmente mais homens do que outros contradiz a própria e melhor sabedoria de Wilde, quando ele diz: ‘não há nenhum modelo para o homem’” (RORTY, 2006, p. 102).

pelo processo de individualização a fim de reformar a “sabedoria convencional”, pois todos os cidadãos democraticamente socializados seriam aptos a contribuir para tal alteração, já que este reformismo contínuo é o senso comum das sociedades democráticas.

Outra ideia rortyana que enfraquece a acusação de elitismo contra sua ideia de individualização é a distinção entre o público e o privado, proposta que ele defendeu tenazmente em suas duas últimas décadas de vida, ainda que ela tenha sido uma das mais atacadas por pessoas de todo o espectro político. Em linhas gerais, Rorty defendeu que seria possível e útil dividir o vocabulário final<sup>32</sup> das pessoas em duas partes, uma pública, *aprendida* na socialização, e outra privada, *criada* na individualização, sendo a segunda parte do vocabulário irrelevante para a primeira: “Os ironistas devem reconciliar-se com a cisão entre o privado e o público em seus vocabulários finais” (RORTY, 2007a, p. 207). Assim, os filósofos ironistas, aqueles que mais contribuem para a autoedificação privada que ocorre nos processos de individualização, são “filósofos privados – filósofos interessados em intensificar a ironia do nominalista e do historicista. Seu trabalho presta-se mal aos fins públicos e não tem serventia para os liberais *qua* liberais” (RORTY, 2007a, p. 167). Qualquer tentativa de determinar a intenção dele com esta divisão tão criticada seria objeto de polêmica, mas uma boa aposta seria no seu projeto de resgatar alguns de seus antigos heróis filosóficos, como Nietzsche, Heidegger e Foucault, das posturas claramente antidemocráticas que professaram, para desgosto de Rorty. Assim, a fim de *salvar* aqueles filósofos para seus próprios fins autoedificantes, ele preferiu considerar tais posturas como inúteis e até perigosas no âmbito público: “assim que qualquer deles tenta expor uma visão da sociedade moderna, ou do destino da Europa, ou da política contemporânea, torna-se insípido, na melhor das hipóteses, e sádico, na pior” (RORTY, 2007a, p. 206). Com base nesse processo de *esterilização*, Rorty buscou restringir a influência desses filósofos, limitando-a à autoedificação dos ironistas, professores ou alunos, ainda que se trate de uma influência privadamente fundamental, como ocorreu com ele mesmo. Nesse caso, perde força a acusação de elitismo dirigida ao processo

---


<sup>32</sup> “Todos os seres humanos carregam um conjunto de palavras que empregam para justificar seus atos, suas crenças ou convicções e sua vida. Chamo a essas palavras o ‘vocabulário final’ de uma pessoa” (RORTY, 2007a, p. 133).

de individualização, pelo qual passa um percentual pequeno da população, já que estes indivíduos não funcionam como guias ou líderes dos demais, mas apenas como reformadores de si mesmos, isto é, de seu próprio vocabulário privado ironista, inútil para seus propósitos de deliberação moral e política, para os quais usam o vocabulário reformista com que foram socializados, mas fundamental para a construção de suas identidades privadas.

Assim, se acrescentarmos que aqueles que buscam o processo educacional da individualização também não adquirem, ao longo deste processo, um saber que signifique predomínio econômico nem qualquer tipo de autoridade espiritual, mas apenas a possibilidade de uma crescente individualização, aquele suposto elitismo pode perfeitamente ser esvaziado, sendo redescrito nos termos de uma edificação que abrange apenas o vocabulário privado de uma parte pequena da população de uma democracia liberal. Este grupo dificilmente se enquadraria na noção acusatória de ser uma elite política ou moral, com poder para manipular os demais ou com qualquer tipo de superioridade em relação ao restante dos cidadãos, de cuja socialização compartilham e junto dos quais deliberam e atuam, política e moralmente.

## Referências

ARCILLA, RENÉ V. Edificação, conversação e narrativa: os motivos rortianos para a filosofia da educação. *Filosofia, Sociedade e Educação*, Marília, v.1, n.1, p. 47-57, jul./dez. 1997.

BERNSTEIN, R. J. One step forward, two steps backward: Richard Rorty on liberal democracy and philosophy. *Political theory*, Baltimore, v. 15, n. 4, p. 538-563, Nov. 1987.  << <http://dx.doi.org/10.1177/0090591787015004003>>>

\_\_\_\_\_. Richard Rorty's deep humanism. *New Literary History*, Baltimore, v. 39, n. 1, p. 13-27, Winter. 2008.


HIRSCH Jr., E. D.; Richard J. Rorty and the priority of democracy to philosophy. *New Literary History*, v. 39, n. 1, p. 35-52, Winter. 2008.


MCCARTHY, T. Private irony and public decency: Richard Rorty's new pragmatism. *Critical Inquiry*, Chicago, v. 16, n. 2, p. 355-370, Winter. 1990.

NICHOLSON, C. Pós-modernismo, feminismo e educação: a necessidade de solidariedade. *Filosofia, Sociedade e Educação*. Marília, v.1, n. 1, p. 31-46, jul./dez. 1997.

REICH, R. The paradoxes of education in Rorty's liberal utopia. In: \_\_\_\_\_. *Philosophy of education*, Illinois: Philosophy of Education Society Publishers, 1997. p. 342-351.

RORTY, R. *American universities and the hope for social justice*. Richard Rorty born digital files, 1988-2003. UCIspace @ the Libraries.

\_\_\_\_\_. Thugs and theorists: a reply to Bernstein. *Political Theory*, Baltimore, v. 15, n. 4, Nov. 1987. p. 564-580.  << <http://dx.doi.org/10.1177/0090591787015004004>>>

\_\_\_\_\_. Truth and freedom: a reply to Thomas McCarthy. *Critical Inquiry*, Chicago v. 16, n. 3, p. 633-643, Spring, 1990.  << <http://dx.doi.org/10.1086/448550>>>

\_\_\_\_\_. Acerca do etnocentrismo: uma réplica a Clifford Geertz. In: \_\_\_\_\_. *Objetivismo, relativismo e verdade – Escritos filosóficos I*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997a. p. 271-280.

\_\_\_\_\_. A prioridade da democracia para a filosofia. In: \_\_\_\_\_. *Objetivismo, relativismo e verdade – Escritos filosóficos I*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997b. p. 235-261.

\_\_\_\_\_. *Contingência, ironia e solidariedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2007a.

\_\_\_\_\_. Cosmopolitismo sem emancipação: uma resposta a Jean-François Lyotard. In: \_\_\_\_\_. *Objetivismo, relativismo e verdade – Escritos filosóficos I*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997c. p. 281-294.

\_\_\_\_\_. *Cuidar la libertad*. Madrid: Editorial Trotta, 2005.

\_\_\_\_\_. Democracy and philosophy. *Kritika & Kontext*, n. 33, 2007b. Disponível em: <Disponível em <<http://www.eurozine.com/articles/2007-06-11-rorty-en.html>>. Acesso em: 10 Jan. 2015.

\_\_\_\_\_. Education as socialization and individualization. In: \_\_\_\_\_. *Philosophy and Social Hope*. London: Penguin, 2000a. p. 114-126.

\_\_\_\_\_. *Filosofia como política cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

\_\_\_\_\_. Liberalismo burguês pós-moderno. In: \_\_\_\_\_. *Objetivismo, relativismo e verdade* – Escritos filosóficos I. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997d. p. 263-270.

\_\_\_\_\_. O declínio da verdade redentora e a ascensão da cultura literária. In: \_\_\_\_\_. *Ensaio pragmatistas: sobre subjetividade e verdade*. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

\_\_\_\_\_. Os perigos da sobre-filosoficação. *Filosofia, Sociedade e Educação*. Marília, v. 1, n. 1, p. 59-67, jul./dez. 1997e.

\_\_\_\_\_. The humanistic intellectual: eleven theses. In: \_\_\_\_\_. *Philosophy and social hope*. London: Penguin, 2000b. p. 127-130.

\_\_\_\_\_. Thugs and theorists: a reply to Bernstein. *Political Theory*, Baltimore, v. 15, n. 4, Nov. 1987. p. 564-580.

\_\_\_\_\_. Truth and freedom: a reply to Thomas McCarthy. *Critical Inquiry*, Chicago v. 16, n. 3, p. 633-643, Spring, 1990.

Data de registro: 10/04/2014

Data de aceite: 21/01/2015